

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: REFLEXÕES¹

Paulo Ferreira Bonfatti*
Cristiane do Amaral de Barros**

RESUMO

A busca de contato com o transcendente e a crença em algo superior têm sido fonte de alento e esperança para o ser humano, tornando-se, também, motivo de medos, limitações e incertezas. Essa crença torna-se, muitas vezes, parte da vida humana, influenciando na organização psíquica e na subjetividade da maioria das pessoas. Essa crença, além de estar presente cada vez mais na clínica psicológica, pode também determinar os tipos de relações sociais, valores, condutas e comportamentos humanos. Psicologia e religião vêm ganhando destaque cada vez maior em direção ao diálogo e produção de um novo saber. A psicologia da religião surge no contexto acadêmico como uma proposta de articulação entre ambas e aquisição de novos conhecimentos. Este artigo busca compreender o que vem sendo considerado por psicologia da religião e identificar sua origem e desenvolvimento, notadamente em termos de realidade brasileira, e quais as contribuições essa disciplina poderá trazer em termos de articulação entre psicologia e religião.

Palavras-chave: Psicologia. Religião. Psicologia da religião.

INTRODUÇÃO

A ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é cega.
Albert Einstein

Ao longo de sua história, o ser humano, por diversas vezes, caminhou às voltas com o desconhecido, sempre com uma inquietação e um olhar voltado para os mistérios, o sobrenatural. O desconhecido povoou os sonhos, as fantasias, os medos, as esperanças, as crenças, as relações e as buscas do ser humano ora como manifestação divina, ora como força demoníaca. De um ou de outro modo, o ser humano criou contato com algo transcendente, fascinando-se ou atemorizando-se.

Dessa forma, a busca desse contato, que parte da crença em uma instância superior e inteligente que ultrapasse a condição de finitude humana e a justifique, influencia e participa na organização da estrutura psíquica e da subjetividade da maioria das pessoas. Mais que isso, norteia suas relações sociais, valores, emoções, condutas e comportamentos. Influencia, enfim, seu modo de pertencimento e compreensão de mundo e de si mesmo.

¹ Artigo recebido em 1 de março de 2015 e aprovado em 19 de maio de 2015.

* Docente do CESJF. Doutor em Psicologia Clínica PUC-Rio. @: paulobonfatti@hotmail.com

** Psicóloga pelo CESJF. Mestre em Ciência da Religião UFJF. @: cristiane.barros@uff.edu.br

Por comporem um conjunto de condutas e valores assumidos por grande número de indivíduos, as questões relacionadas ao modo de ser, sentir e perceber-se como crente (aquele que crê) em algo ou alguma coisa superior, sagrada, ou descrente (agnóstico, ateu), vêm se tornando cada vez mais presentes na clínica psicológica e assumindo significativo destaque para a compreensão das subjetividades.

O que se tem observado na prática da clínica psicológica é que a crença religiosa – e também a falta dela – pode vir a representar ou fundamentar um tipo de conduta, uma modalidade de ser, sentir e estar do sujeito em relação ao mundo. Essa crença pode contribuir para seu fortalecimento psíquico e enfrentamentos de vida ou, de outro lado, servir como fonte de contenção e limitação à própria vida. E isso adentra, em maior ou menor grau, os espaços de atendimento em psicologia.

É exatamente por fazer parte da condição humana que as questões relacionadas à religiosidade invadem os consultórios e clínicas de psicologia. Desse modo, não cabe mais ao profissional de psicologia desconsiderar o aspecto religioso em seus atendimentos clínicos (PESSANHA; ANDRADE, 2009). Este artigo busca compreender um pouco melhor os atravessamentos entre psicologia e religião. Para tal, tentar-se-á identificar o que se constitui por psicologia da religião e o que se entende por religião, religiosidade e espiritualidade. A pretensão, aqui, não é esgotar conceitos tão abrangentes, mas propor um ponto de partida conceitual.

RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE, ESPIRITUALIDADE E PSICOLOGIA

O termo religião, como postulado por pesquisadores como Eliade, não implicaria, necessariamente, a crença em Deus ou deuses, referindo-se, no entanto, à experiência do sagrado e, por isso, relacionando-se às ideias de ser (e de existir), de sentido (de mundo, de vida) e de verdade (explicação, significação) (ELIADE, 1969).

Para aquele que crê, a religião vem colocar ordem, organizar um universo caótico em termos de sentidos e significações, legitimando e fundamentando o existir humano em termos de referência, de alicerçamento para esse existir, que deixa de ser, apenas, um simples existir humano para se converter em um existir sagrado. Um existir compreendido, justificado por uma realidade última, universal, sagrada (BERGER, 1985).

Quanto às expressões religiosas (religiões instituídas), essas podem apresentar-se com forma e conteúdo doutrinário diferenciados, segundo os povos, regiões e momentos históricos. Não há como se referir a uma única religião, de conteúdo universal e evolução linear. Há que se falar em religiões, que desempenharam maior ou menor influência na humanidade e em um delimitado período de tempo, existindo, contudo, alguns traços

específicos e comuns a todas elas, como a manifestação do sagrado e seu significado para cada uma (BELZEN, 2009; DENNETT, 2006; PIAZZA, 1983).

Uma das perspectivas epistemológicas da palavra religião deriva do verbo latino *Religare* (ligar novamente). Essa definição foi difundida durante a Idade Média, entendendo-se religião como a ligação da pessoa a determinada fé e moral. Cícero, todavia, considerava o termo religião como originado de outro verbo latino – *religere* (reler) –, significando uma atitude de reflexão e um comportamento respeitoso e submisso ante a divindade (PIAZZA, 1983).

Também Jung (2003) compreendia o termo religião como derivado de *relegere* ou *religere*. Para Jung, esse termo significava ponderar bem, levar em consideração ou considerar cuidadosamente. Esse autor remete-se também ao filósofo Cícero, para o qual a palavra *religens* (religião) teria um significado de se ser temente a Deus.

Jung (2003) acrescenta que no catolicismo, especialmente em Santo Agostinho, derivava-se religião de *religare*. Teria sido ele a considerar a palavra religião como algo que nos une a Deus. Portanto, religião expressaria, etimologicamente, o retorno da alma a Deus, de quem se havia separado pelo pecado. Para Jung, essas seriam compreensões cristãs de religião. Contudo Jung concebia a religião como uma espécie de atitude que “[...] considera cuidadosa e conscientemente certos sentimentos, ideias e eventos e reflete sobre eles.” (JUNG, 2003, p, 193).

Associados ao conceito de religião, encontram-se os termos religiosidade e espiritualidade, utilizados, em grande parte das vezes, como sinônimos. O conceito de religiosidade se assemelha ao de espiritualidade, porém não são iguais. Espiritualidade identifica a condição daquele que crê em um sagrado (transcendente). Não significa, necessariamente, a pertença a uma religião ou ser religioso propriamente dito (ser adepto e seguir os dogmas de uma religião) (PESSANHA; ANDRADE, 2009). Talvez seja possível entender a espiritualidade como sendo um atributo, uma característica daquele que crê no transcendente (BARROS, 2012).

Já o termo religiosidade seria a vivência dessa espiritualidade, que se manifesta através de uma crença ou adesão a alguma religião institucionalizada. Na espiritualidade haveria uma condição sentida interiormente, subjetiva, íntima ao indivíduo que crê. Na religiosidade haveria, além dessa condição, também a externalização desse sentimento, mediante a realização de algum tipo de ritual, de uma inserção em um culto religioso estabelecido. (PESSANHA; ANDRADE, 2009).

Quanto à religiosidade, aspectos relativos à mesma vêm sendo trazidos por pessoas que recorrem aos atendimentos em psicologia, não necessariamente

considerados como problema ou dificuldade. Estariam, sim, muito mais relacionados à própria forma de compreensão de si e de mundo. Para o profissional de psicologia, então, caberia direcionar uma atenção maior e mais cuidadosa a essas questões, por poderem representar significativo ganho em termos de conhecimento dos mecanismos psíquicos, condutas, pensamentos e comportamentos dos atendidos. (PESSANHA; ANDRADE, 2009; DALGALARRONDO, 2006).

A experiência religiosa constitui-se em um elemento central à discussão do fenômeno religioso e sua compreensão é muito importante para qualquer disciplina que busque se aproximar das discussões sobre religião, como a psicologia e a psicologia da religião. Enquanto um campo de estudos das Ciências Humanas, a religião (e as expressões da experiência religiosa) tem enfrentado dificuldades metodológicas e epistemológicas, ao se considerar dimensões como fé, o conceito de salvação, conversão, sagrado, e da própria definição de experiência religiosa (HENNING; MORE, 2009; VALLE, 1998).

Para a psicologia, como área das ciências humanas, é difícil abordar a experiência religiosa considerando-se as limitações quanto aos métodos para sua observação e precisão. Além de uma limitação relacionada à compreensão dos conteúdos dessa experiência, há a hipótese de poder tratar-se de uma patologia psíquica. Segundo Ávila (2007), o que determinaria a saúde ou a doença desse tipo de experiência pessoal seria as consequências, o resultado da mesma para o indivíduo.

O fato é que, embora em algumas experiências religiosas, especialmente nas mais agudas, exista, como nas experiências patológicas, uma desarmonia pessoal, entre ambas há uma grande diferença: seu resultado. O que distingue a experiência religiosa de uma experiência patológica é que a experiência religiosa traz uma solução do que, de outra forma, seria uma derrota devastadora [...]. (ÁVILA, 2007, p. 99-100).

Se a palavra em si e a compreensão do que seja religião carrega dificuldades conceituais devido à abrangência de seus significados, não é muito diferente com o significado de psicologia. Não é com menor dificuldade que se consegue aproximar das representações, atribuições e conteúdos relacionados ao conceito psicologia – criando hoje até a ideia de psicologias (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999).

A partir de uma proposta de se conferir um caráter mais científico, experimental e empírico à mesma, a psicologia teria sido proposta como ciência em fins do século XIX, com Wilhelm Wundt (1832-1920) e William James (1842-1910). Diversos pensadores apontam que teriam sido esses autores que elaboraram de modo sistemático um projeto científico que viria se tornar as bases da psicologia moderna (ABIB, 2009; PAIVA, 1990).

No entanto, as discussões que envolvem a possibilidade de a psicologia ser ou não ciência remontam ao século XVIII, com o veto do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) contra a constituição da psicologia empírica como ciência. Kant tomou por base seu entendimento sobre ciência, que, necessariamente, deveria ser o de formalização matemática do objeto de estudo, de modo experimental. À psicologia, cujo objeto era a alma ou substância espiritual, não caberia uma abordagem pelo viés da experimentação, não podendo ser, exatamente por isso, uma ciência para Kant (GOMES, 2005).

Inserida na tradição metafísica vigente até o século XVIII, a psicologia racional, como era denominada, considerava como seu objeto a alma (ou substância espiritual). A característica desse objeto suprassensível não permitia, porém, uma abordagem de cunho experimental. Teria sido a partir das novas compreensões sobre ciência e embasados em conceitos que situavam o ser humano no centro de todas as coisas (e de todas as ciências) geradas no correr do século XIX que, apesar do veto kantiano, a psicologia buscou constituir-se como ciência. Sua busca por esse status científico a fez voltar-se em direção a uma possível ciência do psiquismo (GOMES, 2005).

Então, a partir do referido século, com suas novas concepções de homem e ciência, esta mais pragmática, a psicologia começa a buscar e se constituir em uma psicologia experimental, renegando as explicações metafísicas e lutando por uma condição de maior cientificidade. Portanto, pode-se considerar que, desde o século XIX a psicologia buscou desvincular-se da metafísica e tornar-se empírica – uma psicologia dita científica – dentro dos paradigmas existentes à época (GOMES, 2005).

Em termos de aproximação teórica entre psicologia e religião, Paiva (1990) lembra que, assim como a sociologia e a antropologia, a psicologia desde o início esteve vinculada à religião. Vinculação esta compreendida como o envolvimento dessas disciplinas na discussão de assuntos relacionados ao universo religioso. As investigações iniciais em psicologia, entre outras, focaram também, e em grande parte, aspectos da ordem das religiosidades.

No Brasil as discussões acerca dos entrelaçamentos entre psicologia e religião, bem como a necessidade de se repensar formas de articular essas duas esferas de conhecimento humano adentraram também o Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Em Nota Pública, respondendo aos debates na mídia acerca da relação entre religiosidade e psicologia, o CFP é categórico: “Não existe oposição entre psicologia e religiosidade, pelo contrário, a psicologia é uma ciência que reconhece que a religiosidade e a fé estão presentes na cultura e participam na constituição da dimensão subjetiva de cada um de nós.” Além disso, reitera os princípios constitucionais de respeito às

diferenças e à liberdade religiosas. Orienta a atuação profissional do psicólogo segundo padrões éticos, científicos, fundamentados na teoria e técnicas psicológicas e não em “[...] preconceitos religiosos ou quaisquer outros alheios a essa profissão.” (CFP, 2012).

Em maio de 2013, é divulgado pelo GT Nacional – Psicologia, Religião e Espiritualidade, do Sistema Conselhos de Psicologia o **Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da psicologia, religião e espiritualidade** no Brasil. Nesse documento, é afirmado o compromisso com a laicidade do Estado brasileiro, considerada como princípio pétreo assegurado pela Constituição Federal de 1988, bem como o direito à liberdade de consciência e de crença. (CFP, 2013, p. 1).

O mesmo documento reconhece que a laicidade do Estado brasileiro não significa negar uma interface entre psicologia, religião e espiritualidade. “A religião é um dos elementos mais complexos e irredutíveis da tessitura das culturas. Aborda a relação das pessoas com aspectos transcendentais da existência.” (CFP, 2013, p. 2). Ao assumir a competência de orientar, fiscalizar e disciplinar o fazer profissional da categoria, o Sistema Conselhos de Psicologia do Brasil reitera a função social da mesma na garantia dos direitos constitucionais e acrescenta:

Reconhecemos a importância da religião, da religiosidade e da espiritualidade na constituição de subjetividades, particularmente num país com as especificidades do Brasil. Neste sentido compreendemos que tanto a religião quanto a psicologia transitam num campo comum, qual seja, o da produção de subjetividades, entendendo ser fundamental o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos. Este fator requer da Psicologia toda cautela para que seus conhecimentos, fundamentados na laicidade da ciência, não se confundam com os conhecimentos dogmáticos da religião. Reconhecemos, também, que toda religião tem uma dimensão psicológica e que, apesar da Psicologia poder ter uma dimensão espiritual, ela não tem uma dimensão religiosa, o que nos remete à necessidade de aprofundarmos o debate da interface da Psicologia com a espiritualidade e os saberes tradicionais e populares, além de buscarmos compreender como a religião se utiliza da psicologia. (CFP, 2013, p.2)

Como se pode verificar, os entrelaçamentos entre psicologia e religião têm sido cada vez mais constantes, tanto na prática clínica, como nos conteúdos normativos e de produção de conhecimento. Assim sendo, tentar-se-á, no próximo item, abordar essa psicologia da religião. Disciplina que, talvez, se apresente na atualidade como sendo um dos resultados desses entrelaçamentos.

CONTEXTUALIZANDO A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Em seus inícios, a maior produção teórica sobre o assunto, bem como a definição de seu status acadêmico concentrou-se, basicamente, em autores europeus e norte-americanos. Assim sendo, antes de se focar no processo de desenvolvimento da **REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.70-85, jan./jul. 2016**

psicologia da religião no Brasil – historicamente bem mais recente –, há que se deter um pouco nesses inícios e seus primeiros autores, como Wundt, James, Flournoy e outros. Esses seriam autores de referência ao estudo dessa disciplina, até mesmo na contemporaneidade, além de serem, também, precursores na busca de uma proposta de psicologia científica.

Um primeiro aspecto a se considerar refere-se à definição do próprio termo – psicologia da religião. Esse, como acontece com os termos psicologia e religião, engloba um sem número de significados e interpretações, tornando-se difícil a tarefa de sua definição precisa. No entanto algumas especificidades podem ser apontadas. De início, há que se diferenciar psicologia da religião de psicologia religiosa. Esta última apresenta uma compreensão de cunho mais confessional. Diferencia-se, também, do que se poderia denominar de psicologia pastoral, aqui entendida como uma psicologia utilizada para fins religiosos, a serviço de uma religião. (ÁVILA, 2007)

Uma possibilidade em termos de um *nascimento* da psicologia da religião talvez se possa pensar como sendo a partir de fins do século XIX, com as publicações de autores, como Wundt, Starbuck, James, Leuba, Freud, Jung, que aplicaram a psicologia ao estudo de diferentes fatores ligados à religião (ÁVILA, 2007; BENKÖ, 1981).

Nessa perspectiva, psicologia da religião seria a aproximação dos estudos sobre aspectos e fenômenos religiosos por parte da psicologia, que extrapolou, ao longo de seu desenvolvimento, a simples leitura psicologizante dos aspectos pertinentes à vivência religiosa. Aos poucos, e a partir das, cada vez mais sucessivas, aproximações entre psicologia e religião, vieram contribuições significativas advindas dessa nova disciplina. Tais contribuições possibilitaram que evoluísse a busca por um diálogo entre ambas as áreas.

Como disciplina inserida na área de estudos e pesquisas humanas, busca fazer uso de uma metodologia própria às ciências humanas (menos experimental) para a investigação de fenômenos religiosos, a partir da própria experiência humana (ÁVILA, 2007; BELZEN, 2009).

Não haveria como apontar um autor ou uma data precisa que definam o surgimento exato dessa nova disciplina. Diversos fatores teriam contribuído para aproximar essas duas grandes áreas temáticas, além da produção teórica de autores advindos da filosofia, sociologia, antropologia, teologia, enfim, das Ciências Humanas, sobre o assunto. No entanto talvez se possa indicar como sendo a primeira grande obra de referência publicada sobre psicologia da religião o livro **Variedades da experiência religiosa**, de William James em 1902 (JAMES, 1995), detendo-se em temas éticos e religiosos. Wundt, influenciado pelas

teorias vigentes em seu tempo, como o evolucionismo e a filosofia positivista, pesquisou a religião compreendendo-a a partir da noção de uma evolução – e evolução cultural. (ÁVILA, 2007).

Em sua obra **Psicologia dos povos**², Wundt aborda temas relacionados à religião, mas condicionados a processos emocionais, como o medo. Seriam esses processos que, sob uma perspectiva evolucionista, se passaria das crenças em magias e demônios ao totemismo. Deste, as sociedades passariam a cultuar os heróis e deuses até atingir ao que denominou por idade humanista (ÁVILA, 2007, p. 22), caracterizada por um universalismo religioso³.

Além de Wundt, os suíços Murisier (1867-1903) e Flournoy (1854-1920) seriam também autores que trouxeram relevantes contribuições à formação de um substrato teórico à psicologia da religião na Europa ao longo dos séculos XIX e XX. Contudo o solo fértil que permitiu à psicologia da religião de fato germinar e se desenvolver teria sido os Estados Unidos. Assim como com a psicologia experimental, a psicologia da religião viu sua evolução e fortalecimento em solo norte-americano.

Naquele país, destacam-se os nomes de Starbuck (1866-1947) – aluno de William James –, com sua obra *A psicologia da religião*, datada de 1899, considerada efetivamente a primeira obra escrita sobre psicologia da religião em solo norte-americano tendo como foco a conversão. Stanley-Hall (1844-1924) – o primeiro psicólogo da religião propriamente dito – direcionou suas pesquisas na questão da conversão e do desenvolvimento da fé entre adolescentes. Leuba (1868-1946), colaborador de Stanley-Hall, foi autor de diversos artigos e obras sobre psicologia da religião (ÁVILA, 2007). Esses autores compõem o conjunto de nomes altamente representativos da construção e sedimentação teórica da psicologia da religião norte-americana.

² Essa obra, **Völkerpsychologie**, talvez possa ser considerada como o início do que seria denominado mais tarde de psicologia cultural, por apresentar a concepção de Wundt de que muitos dos processos psíquicos como linguagem, aprendizagem, assim como a ética, costumes e a própria religião seriam condicionados pela cultura, não devendo ser desprezados pela psicologia. Para ele, a psicologia deveria dispor de dois troncos: um experimental (sua psicologia experimental fisiológica) e outro, uma psicologia dos povos (a psicologia cultural), (BELZEN, 2009).

³ Wundt e James criticavam a psicologia metafísica, mas isso não os impediu de pesquisarem temas relacionados à religiosidade, especialmente em termos da linguagem/cultura/religião. Wundt pesquisou muitos temas relacionados à religião, mas associados a fatores emocionais, especialmente o medo. Para ele, a religião seria basicamente um fenômeno emocional. William James interessou-se por muito tempo em temas relacionados à conversão, considerando a religião como uma experiência individual. O fato desses autores (Wundt, James, Starbuck) terem sido precursores de uma psicologia mais “científica” – e foram – não quer dizer que não pudessem ter pesquisado sobre religião. Foi o que fizeram. Cada um detendo-se em aspectos distintos da esfera religiosa e associando a fatores psíquicos, comportamentais, sociais, culturais, enfim, suas conclusões não são nem religiosas e nem metafísicas. Wundt pesquisou experimentalmente, com testes, quantificações. James pesquisou dados empíricos, relatos, biografias. Se esses autores são vistos como precursores de uma psicologia científica, são, também, precursores da psicologia da religião por terem escrito sistematizadamente sobre o tema. (BELZEN, 2009; BARROS, 2012; ÁVILA, 2007).

Tanto na Europa como nos Estados Unidos, e em que se pesem os diferentes momentos históricos dos autores citados acima, a psicologia da religião como grande área temática assimilou diversas compreensões, enfoques, opiniões e posturas teóricas. Cada autor, carregando consigo uma compreensão distinta do que sejam psicologia e religião, e de acordo com a linha e/ou corrente assumida, apresentou o que seria – ou deveria ser – o objeto de estudos em psicologia da religião (ÁVILA, 2007; PAIVA, 1990).

Se, em termos de psicologia como disciplina e área produtora de um saber próprio, cada escola, cada corrente assume uma compreensão própria acerca de seu objeto de estudo e método, essa multiplicidade de abordagens estende-se também para as discussões em psicologia da religião. No entanto, independentemente da linha assumida por cada autor, a proposta é de se conferir objetividade e cientificidade a esse estudo (ÁVILA, 2007).

Da psicologia, a psicologia da religião herdou a heterogeneidade de conceitos, em que cada escola/linha aponta para distintos enfoques e objetos de interesse. O mesmo acontece com o universo conceitual da religião, em que não se percebe um relativo consenso nem mesmo acerca de seu próprio significado. Sob esse entendimento, não fica difícil compreender a dificuldade também da psicologia da religião em definir-se com maior precisão, bem como a seu objeto de estudo (ÁVILA, 2007; BELZEN, 2009; PAIVA, 1990).

O que a psicologia da religião considera como objeto talvez seja o ser humano em sua relação com o religioso, o transcendente, em suas mais variadas nuances e modalidades de experiência religiosa. Não somente o crente, o fiel, mas todo ser humano em sua relação com o sagrado seria objeto de interesse dessa disciplina. (ÁVILA, 2007).

Parece existir certa distinção teórica entre autores europeus e norte-americanos em psicologia da religião. Autores europeus teriam uma inclinação maior por estudos fenomenológicos, sem tanta preocupação com a análise experimental dos mesmos. Já os norte-americanos apresentariam maior preocupação com os estudos experimentais, em detrimento das singularidades de cada caso (ÁVILA, 2007).

No Brasil, as discussões dos pesquisadores acerca da definição do objeto da psicologia da religião seguem percurso semelhante ao dos autores estrangeiros quanto à precisão conceitual, tanto desse objeto como da própria área em si. Paiva (1990) enfatiza que o modo de aproximação teórica aos fenômenos religiosos – assumindo-se uma compreensão mais individual ou mais social/cultural dos mesmos – dependeria da linha/escola psicológica de cada pesquisador.

Segundo Paiva e outros (2009), também os pesquisadores brasileiros vêm discutindo as questões referentes à multiplicidade de escolas e linhas dentro da psicologia. Essas, adentrando a psicologia da religião, promovem dificuldade e complexidade para uma definição mais precisa da mesma, bem como de seu objeto, como já abordado, por autores estrangeiros.

Historicamente, a psicologia da religião no Brasil teria surgido sob influência europeia, já que teria sido o psicólogo holandês Theo van Kolck a assumir a direção do Departamento de Psicologia da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1950. Segundo Paiva e outros (2009), essa Instituição já apresentava, àquela época, forte influência do pensamento em vigor na Universidade Católica de Leuven (Bélgica). Na mesma época, teria sido criada a Associação de Psicologia Religiosa, em São Paulo, que, sob a direção de Theo van Kolck, reunia psicólogos, médicos, antropólogos e sacerdotes para discutirem temas ligados à religião (PAIVA *et al.*, 2009).

Já no Rio de Janeiro, também em torno de 1950, seria o sacerdote húngaro Antal Benkő a desenvolver suas pesquisas empíricas em psicologia da religião na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, manteve e mantém uma proposta de abertura a temas ligados à psicologia da religião em sua própria revista de psicologia – PSICO.

Paiva e outros (2009) consideram como uma possível primeira publicação nacional em psicologia da religião, ou que dá início à psicologia da religião no Brasil em termos de publicação, o artigo de Antal Benkő, um ensaio de exame psicológico de seminaristas. Esse artigo teria sido publicado pela *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, em 1956.

Pelo que se pode depreender, em termos de inserção acadêmica, a psicologia da religião iniciou-se nas Universidades Católicas e particulares, notadamente nas Pontifícias Universidades Católicas (PUCs). “Deve-se reconhecer o cariz confessional dessas iniciativas que, no entanto, não obsteu ao desenvolvimento da psicologia como ciência autônoma” (PAIVA *et al.*, 2009, p. 443).

Já na Universidade Pública, sua inserção dá-se quase 30 anos depois, em 1980, na Universidade de São Paulo (USP), seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de Brasília. Na USP, a psicologia da religião inicialmente foi oferecida como disciplina de pós-graduação, passando, então, para a graduação em psicologia. Na atualidade, a USP conta com um Programa de pós-graduação em psicologia social da religião e um Laboratório de psicologia social da religião (PAIVA *et al.*, 2009).

Enquanto disciplina inserida no contexto das pesquisas acadêmicas, a psicologia da religião encontra-se compondo a classificação das várias especializações na área de **REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.70-85, jan./jul. 2016**

psicologia pelo Conselho Nacional de Pesquisa e da Sociedade Brasileira de Pesquisa. Ao longo desses quase sessenta anos de história da psicologia da religião no Brasil, se considerado o período pesquisado por Paiva e outros (2009) e delimitado pela publicação de Benkö, foi possível ao autor constatar algumas tendências nas publicações desse período, a saber: 1- O aumento no número de estudos publicados (à exceção da década de 70 do século passado, durante a vigência do regime militar); 2- Uma multiplicidade de temas específicos em psicologia da religião; 3- Predomínio das discussões conceituais nos temas de psicologia da religião; 4- Maior disciplina no emprego das teorias psicológicas (uso mais disciplinado das teorias psicodinâmicas, cognitiva ou fenomenológica existencial); 5 - Crescente rigor metodológico das pesquisas.

Até aproximadamente a década de 60 do século XX, a produção nessa área gravitava em torno de psicólogos que compunham um núcleo de pesquisadores confessionais, produzindo uma psicologia religiosa, mais propriamente. Já a década de 80 daquele século intensificou os estudos sobre psicologia e religião e o papel do psicólogo diante do comportamento religioso. A década de 90 do mesmo século trouxe o interesse por temas relacionados à psicoterapia, saúde e religião e os processos psíquicos da vivência religiosa. Nessas publicações, o método utilizado, em sua grande parte, teria sido o conceitual (PAIVA et. al., 2009).

No entanto, Paiva e outros (2009) consideram essa disciplina como sendo uma área ainda em processo de consolidação neste país. Para esses, os pesquisadores brasileiros da área ainda vêm buscando discutir aspectos mais relacionados a uma epistemologia e/ou metodologia de pesquisa em psicologia da religião do que produzindo sobre o assunto, propriamente dito. Ainda não é extensa a produção de trabalhos e pesquisas focando especificamente as questões que envolvem a psicologia diante dos fenômenos e experiências ligados ao campo religioso.

Em relação às dificuldades em se abordar e pesquisar sobre psicologia da religião, outro autor brasileiro, Edênio Valle (1998), aponta o problema da natureza do pesquisador e do tipo de objeto a ser pesquisado. Se, de modo geral, não existe pesquisa isenta, nessa área em especial há que se tomar ainda mais cuidado.

Valle considera que a psicologia da religião, na esfera das ciências humanas, não deveria se preocupar com os aspectos filosóficos e/ou teológicos do fenômeno religioso enquanto tal. Mais precisamente, o objetivo da mesma seria atentar para “[...] a estrutura psicológica que está por trás das formas de vivência e experiência religiosa. [...] explicar psicologicamente a estrutura e a dinâmica do agir religioso do ser humano” (VALLE, 1998, p. 51).

Ao referir-se às dificuldades enfrentadas pela psicologia da religião em encontrar um ponto de equilíbrio entre psicologia e religião, que respeite suas especificidades e produza algo novo, Ancona-Lopes (2002) fala do risco em se proceder a reduções. Reduções estas entendidas como sendo o risco em se cair em radicalismos. Para tanto, haveria que se buscar uma compreensão da dimensão religiosa compatível com as duas áreas de modo interdisciplinar, sem reduzir a psicologia à religião e/ou vice-versa.

A religião seria uma dimensão que compõe, participa da natureza humana. O que não quer dizer que todos os sujeitos sejam religiosos, e sim que a religião participa, em maior ou menor grau, da construção de significados produzidos pelo ser humano. Ela oferece um sentido para o mundo e para as coisas deste mundo. Assim considerado, psicologia e religião teriam muito a dizer sobre a condição humana. E um caminho longo a percorrer em busca de interlocuções possíveis.

Uma definição precisa sobre o que seria psicologia da religião ainda vem sendo construída, devido às dificuldades relativas à sua grande heterogeneidade conceitual. Não é confessional, nem é doutrinária. Nisso, parece haver consenso. Mas seria ciência? Psicologia é ciência? Não é? Mais importante: o que é ciência? De qualquer forma, a psicologia da religião vem trilhando caminhos na busca de uma fundamentação epistemológica, com métodos e pesquisas consistentes e gerando crescente volume de produção conhecimento.

Entende-se que, com o aumento da produção teórica dessa disciplina e tempo para se consolidar efetivamente, a psicologia da religião tem conseguido um corpo teórico e conceitual de modo mais sólido e com maior unicidade em termos de objeto. Todavia vale ressaltar que isso é processual.

CONCLUSÃO

Com base nas reflexões apresentadas, pontuou-se o fato de que a religião encontra-se presente, inserida e compondo a cultura, produzindo explicações, significações e sentidos sobre a existência humana, que se encaixam em outro nível de compreensão, nem melhor ou pior, apenas diferente. A religião, embora parte integrante da cultura, atinge o ser humano em outra esfera de compreensão, mais particular e subjetiva. Por isso a importância em considerá-la como constituinte também da estrutura psíquica do indivíduo.

Enquanto forma de ser, estar e perceber-se a si e ao mundo, o ser humano se apresentaria, basicamente, sob dois modos distintos: religioso e não religioso. Em termos

de estudos de religião, a conduta agnóstica merece ser mais bem estudada e compreendida.

De igual modo, talvez seja oportuno se pensar em novas modalidades de pesquisa acadêmica em que se busque identificar se a subjetividade da experiência religiosa poderá vir a ser compreendida em sua integralidade pela psicologia. Cabe, também, a busca por uma melhor compreensão acerca do que a religião poderá dizer sobre o humano à psicologia e o que esta terá a acrescentar àquela. Ainda é um campo vasto a ser percorrido, estudado e compreendido.

A psicologia vem buscando um caminho de articulação com o universo religioso para tentar compreendê-lo mais profundamente. Conhecer melhor quem são esses sujeitos que recorrem ao atendimento em psicologia e que trazem consigo uma bagagem religiosa tem sido fator de interesse atual dessa disciplina. A compreensão do que representa a experiência religiosa para esses indivíduos, bem como a conduta a ser adotada diante desse fenômeno se apresentam como desafio ao profissional de psicologia.

Quanto à psicologia da religião, seguramente a maior dificuldade apresentada ao seu estudo reside no volume da produção acadêmica sobre a mesma no Brasil. Em que pese a qualidade do material até então produzido, quantitativamente não é extenso. Esse material ainda estaria mais relacionado a uma produção sobre psicologia da religião do que em psicologia da religião, mas não exclusivamente. Outra significativa dificuldade colocada aos estudos de psicologia da religião, no Brasil como no exterior, refere-se à própria conceituação do que seja, busca e propõe essa disciplina, além da definição mais precisa de seu objeto - à semelhança do que acontece com a própria psicologia na busca de definição de seu objeto (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Disciplina historicamente recente no universo acadêmico brasileiro, a psicologia da religião surge não como herdeira da religião ou da psicologia, tampouco como uma interpretação psicológica dos fenômenos religiosos, mas como uma nova possibilidade de compreensão do universo religioso pela psicologia, com produção teórica e identidade própria. Uma disciplina que tem como característica o diálogo, a interlocução, visando construir um conhecimento científico próprio, mas que ainda está em processo de busca de sua própria definição e epistemologia.

Valle (1998) considera, acima de tudo, a necessidade imposta ao pesquisador em psicologia da religião de um constante questionamento acerca do que pesquisar, do que observar e de como fazê-lo: "Como chegar aos conteúdos vivenciais só acessíveis à

introspecção das duas pessoas? Como ‘comparar’ os fenômenos desiguais que se processam ‘dentro’ e/ou ‘fora’ de cada uma das pessoas?” (VALLE, 1998, p. 28).

Embora mudanças já sejam percebidas, ainda se tem exercitado pouco o diálogo, a interlocução, a interação entre psicologia e religião que são duas fontes de conhecimento humano distintas, mas não excludentes. Talvez o surgimento da psicologia da religião tenha se dado exatamente para apontar a direção desse caminho de abertura ao diálogo. Ainda em construção, mas um caminho.

Finalizando, cabe salientiar certa dificuldade do mundo acadêmico de maneira geral (e fora dele) em abordar, dialogar e compreender o universo religioso. Dificuldade em desvencilhar o religioso do dogmático, a experiência religiosa do misticismo, a religiosidade do proselitismo. O presente artigo buscou compreender um pouco a complexidade existente quando se tenta articular psicologia e religião. Mais que isso: apontar a importância em se pensar caminhos possíveis ao diálogo e o que poderia – ou poderá – surgir do mesmo. Tentou, por fim, deter o olhar em direção à psicologia da religião como disciplina acadêmica e, conseqüentemente, área produtora de conhecimento humano.

O pesquisador da religião Mircea Eliade entendia que o conhecimento do homem religioso e a percepção de seu universo de crenças religiosas e valores espirituais fazem parte da busca do conhecimento geral do homem (ELIADE, 1995). Nesse sentido, encerra-se este texto compartilhando essa concepção, que resume bem o pensamento dos autores sobre o tema.

PSYCHOLOGY OF RELIGION: REFLECTIONS

ABSTRACT

The search for the transcendent and the belief in something greater has been a source of encouragement and hope for the human being, becoming as well, reason of fears, limitations and uncertainties. This belief is often part of human life, influencing on psychic organization and in most people's subjectivity. You can also determine the types of social relationships, values, conduct and human behavior, and increasingly present in psychological clinic. Psychology and religion are gaining increasing prominence toward dialogue and production of a new knowledge. The psychology of religion appears in the academic context as a proposal of a link between both and acquisition of new knowledge. This article tries to understand what has been considered by Psychology of religion and identify its origin and development, notably in terms of Brazilian reality and what contributions this discipline could bring in terms of link between psychology and religion.

Keywords: Psychology. Religion. Psychology of religion.

REFERÊNCIAS

- ABIB, J. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiae studia**. V. 7, nº 2, São Paulo, 2009, p. 195-208.
- ANCONA-LOPES, M. Psicologia e religião: recursos para construção do conhecimento. **Revista de Estudos de Psicologia**. V. 19, nº 2, maio-ago/2002. Campinas: PUCCAMP, p. 78-85.
- ÁVILA, A. **Para conhecer a psicologia da religião**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARROS, Cristiane do Amaral de. **Um olhar sobre a psicologia da religião no Brasil**. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- BENKÖ, A. **Psicologia da religião**. São Paulo: Loyola, 1981.
- BELZEN, J. Psicologia cultural da religião: perspectivas, desafios, possibilidades. **Revista de Estudos da Religião**. dez/2009, p. 01-29.
- BERGER, P. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOCK A., FURTADO O., TEIXEIRA M. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CFP - CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, 2005.
- _____. **Nota pública sobre psicologia e religiosidade no exercício profissional**. Brasília, 13.03.12. Disponível em: <http://www.crp16.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=878&Itemid=43>. Acesso em: mar/2012.
- _____. **Posicionamento do sistema conselhos de psicologia para a questão da psicologia, religião e espiritualidade**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade.pdf>>. Acesso em: jun/2014.
- DALGALARRONDO, P. Relações entre duas dimensões fundamentais da vida: saúde mental e religião. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 28(3), 2006, p. 177-178 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28n3/06.pdf>>. Acesso em: set/2012.
- DENNETT, D. **Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural**. São Paulo: Globo, 2006.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. **Origens**. Portugal: Edições 70, 1969.
- GOMES, A. Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. V. 17, nº 1, jan-jun/2005, p. 103-111.

HENNING, M. e MORÉ, C. Religião e psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de Estudos da Religião**. dez/2009, p. 84-114.

JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **Cartas de C. G. Jung**: V. III, 1956-1961. Petrópolis: Vozes, 2003.

PAIVA, G. Algumas relações entre psicologia e religião. **Psicologia USP**. São Paulo, 1(1), 1990, p. 25-33.

PAIVA, G. et al. Psicologia da religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. **Psicologia: teoria e Pesquisa**. V. 25, nº 3, Brasília, jul-set/2009, p. 441-446.

PESSANHA, P.; ANDRADE, E. Religiosidade e prática clínica: um olhar fenomenológico-existencial. **Perspectivas online**. V. 3, nº 10, 2009, p.75-86. Disponível em: <<http://132.248.9.1:8991/hevila/Perspectivasonline/2009/vol3/no10/7.pdf>>. Acesso em: mar/2012.

PIAZZA, W. **Introdução à fenomenologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1983.

VALLE, E. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. Publicações da psicologia da religião alemã: uma amostragem. **Revista de Estudos da Religião**. dez/2009, p. 115-122.